



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8380 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

AGROECOLOGIA E ORGANIZAÇÃO FEMININA: OS SABERES DAS MULHERES DO ACAMPAMENTO ZÉ MARIA DO TOMÉ – CE

Sandra Maria Gadelha de Carvalho - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Lunian Fernandes Moreira - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Thaynã Coelho de Souza - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

AGROECOLOGIA E ORGANIZAÇÃO FEMININA: OS SABERES DAS MULHERES DO ACAMPAMENTO ZÉ MARIA DO TOMÉ – CE

1 INTRODUÇÃO

O trabalho traz conclusões preliminares do projeto de pesquisa "Mãos que criam": aprendizados e organização feminina no Acampamento Zé Maria do Tomé, e enfoca os aprendizados constituídos por mulheres camponesas em suas lutas e organização produtiva voltado para a agroecologia. A investigação vem sendo desenvolvida, desde 2019, por docentes e discentes do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), *Campus* da Universidade Estadual do Ceará - UECE, participantes dos Programas de Iniciação Científica IC/CNPq e IC/UECE e ocorre no âmbito do Laboratório de Estudos da Educação do Campo (LECAMPO), ligado ao Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE/UECE).

A investigação dialoga com o Programa de Extensão Universitária "Escola, Educação do Campo e Organização da Cultura: conhecimentos e vivências para a emancipação humana"; desenvolvido desde o ano de 2014, por professores e estudantes dos Cursos de Pedagogia, Geografia e História da FAFIDAM/UECE, no Acampamento Zé Maria do Tomé, tendo como objetivo, fortalecer a organização política e produtiva dos/as acampados/as.

Parte-se da premissa, que os processos educativos estão para além dos muros e dos espaços físicos de escolas e universidades, posto que os aprendizados podem acontecer de forma sistematizada ou informal em vários espaços e situações (GHON, 1997). Nessa perspectiva, a investigação tem como questão central: quais os saberes constituídos no

coletivo de mulheres do Acampamento Zé Maria do Tomé e no grupo de produção “Mãos que Criam”?

Nas atividades do Programa de Extensão Universitária, por meio das quais, foi possível observar a crescente organização das mulheres, oportunizou várias indagações: a inserção no grupo “Mãos que Criam” tem reverberado de que forma em suas vidas? Pode-se afirmar que constituem um despartriarcalismo em suas práxis política? Quanto a sua práxis educativa (Freire, 1987), quais as especificidades próprias do território em que residem? Na busca por responder tais questões norteadoras da pesquisa, nesse trabalho nos propomos a compreender as relações entre educação e movimentos sociais, no caso, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), com recorte de gênero em territórios rurais, mais especificamente, no Acampamento Zé Maria do Tomé, na Chapada do Apodi, estado do Ceará. (CE), lócus dessa investigação.

A matriz metodológica dialética, ampara as análises, em consonância ao objetivo, e a questão central, vez que comporta duas categorias essenciais ao estudo: a contradição e a totalidade, as quais permitem melhor compreender as tensões vivenciadas em um território em conflito, assim como as múltiplas determinações que o configuram. Além da investigação bibliográfica, até o momento, registrou-se em um caderno tipo diário de campo, conversas informais e observações em vários momentos de reuniões e feiras realizadas pelo grupo “Mãos que Criam”, durante o ano de 2019. A incidência da Pandemia da Covid-19, causada pelo novo corona vírus (Sars-Cov-2), decretada por Tedros Adhanom, diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), em 11 de março de 2020 (UNASUS,2020), ocasionou uma suspensão das atividades em campo previstas para esse ano. Assim, por ser tratar de um trabalho de base qualitativa, com inserção empírica e bibliográfico, perscrutou-se as obras de Silva (2019), Carvalho e Motta (2018), Rosset e Torres (2016), para reflexões sobre gênero, mulheres camponesas e agroecologia; acerca das questões conflituosas e o avanço do capitalismo no campo, Löwy (2011), Rigotto (2011), sobre movimentos sociais e práxis educativa e política, Ghon (1997), Freire (1987), entre outros.

Espera-se que as reflexões venham a contribuir com o debate sobre a relação entre a educação e movimentos sociais, destacando-se a organização e luta das mulheres camponesas, os aprendizados constituídos coletivamente e os dilemas que enfrentam. Na atual conjuntura política brasileira, em que cresce a violência contra os movimentos sociais, dar visibilidade aos sujeitos históricos que lutam por justiça no campo, com recorte de gênero, se soma a resistência que protagonizam.

2 AGROECOLOGIA *VERSUS* AGRONEGÓCIO: RESISTÊNCIA E LUTA NA CHAPADA DO APODI – CE

A Chapada do Apodi, localizada na divisa entre os estados do Ceará e Rio Grande do Norte, no Nordeste brasileiro, há anos vivencia uma disputa por terras e por água (CAVALCANTE, 2019). De um lado, tradicionalmente, têm-se as comunidades camponesas que buscam produzir alimentos saudáveis e livre de agrotóxicos, e do outro, desde 1997, instalou-se Perímetros Irrigados com um modo de produção que tem impactado no meio ambiente (Rigotto 2011).

A instalação das Empresas nacionais e multinacionais do ramo frutífero e produtoras de monocultivos na Chapada do Apodi, na área do Perímetro Jaguaribe-Apodi,

veio acompanhada de uma grande propaganda de geração de desenvolvimento e geração de renda para os moradores da região. Contudo, com o passar dos anos, o que foi constatado segundo as pesquisas coordenadas pela Profa. Dra. Raquel Rigotto (2011) foi o adoecimento das pessoas e morte dos animais, logo após o avião pulverizador passar jorrando veneno sobre as plantações, canal de irrigação, animais e residências próximas ao loteamento de produção de frutas advindas do agronegócio, como constatado nos trabalhos de Diógenes (2017), Aguiar (2017) e Braga (2010). O agronegócio, beneficiado nas políticas agrícolas, aqui é entendido, segundo Carvalho e Mendes (2014), como:

(..) modelo de produção agrícola com mão de obra assalariada em que predomina alta concentração da terra, com utilização de moderno maquinário, sementes transgênicas, adubos químicos, massivo uso de agrotóxicos e de insumos agrícolas que elevem a produtividade em patamares não vistos antes, tem sido priorizado em termos de política agrária e financiamento nas políticas agrícolas no Brasil, nas últimas duas décadas, em detrimento da agricultura familiar.

Assim, o *modus operandi* do agronegócio confronta com a tradicional e resistente forma de produção da agricultura familiar, cujos cultivos preservam a diversidade, utilizam sementes caboclas, e se empenha numa produção de alimentos sem agrotóxicos. Segundo Rigotto (2011) o “desenvolvimento”, anteriormente, prometido agora é observado como “(des)envolvimento”, o qual proporcionou a expropriação dos camponeses de suas terras, o envenenamento do solo, da água, dos alimentos e matou animais e sujeitos que padeceram doentes devido a exposição, direta ou indireta, aos agrotóxicos.

A resistência a esse modelo de produção, se inicia com a denúncia das constatações das pesquisas realizadas por docentes da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Universidade Estadual do Ceará (UECE), como afirma Cavalcante (2019), Silva (2019) Carvalho e Mendes (2014), entre outros. Desde os primeiros tempos da ocupação, se impôs o desafio da transição agroecológica no Acampamento Zé Maria do Tomé. Oliveira (2015) em sua dissertação de mestrado, ali realizada, descreve a demanda dos acampados e acampadas quanto à compreensão e formas de produção agroecológica. Dessa forma, promoveu junto com a coordenação do Acampamento, o minicurso intitulado “Construindo a Transição Agroecológica”, o qual buscou explicar os conceitos básicos sobre a temática, bem como, desmistificar a ideia de dificuldades e pouco produtividade, relacionada a agroecologia.

A transição agroecológica no Acampamento Zé Maria, teve sua primeira etapa pela decisão de não uso do agrotóxico. Todavia, a mudança de forma de produção requereu apoio técnico, e nesse sentido, foram implementados alguns canteiros, hortas, como campo experimental de novas tecnologias não agressivas ao meio ambiente e fortalecimento das culturas. No entanto, o fato do Acampamento está numa área fronteira com as grandes indústrias agroexportadoras de fruticultura já se constituiu um primeiro obstáculo a expansão da agroecologia (OLIVEIRA, 2015).

Mais recentemente, no ano de 2019, ainda no âmbito do supracitado Projeto de Extensão, outro momento correlacionado a agroecologia foi construído no Acampamento. Com a assessoria da professora Dra. Brisa Cabral, docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, *Campus* Crato, referência no ramo da permacultura, as acampadas e docentes e discentes da FAFIDAM/UECE e IFCE – *Campus* Limoeiro do Norte, estiveram em contato com essa nova temática, que visa transformações sustentáveis para hoje e para o futuro, e que contou com aulas teóricas e expositivas e foi concluída com a elaboração de um projeto sobre a permacultura que posteriormente seria aplicado no

referido acampamento. Dessa forma, o primeiro saber necessário a mudança da forma de paradigma produtivo, foi conhecer a agroecologia e sua tecnologia.

3 MÃOS QUE CRIAM APRENDIZADOS E ORGANIZAÇÃO FEMININA NO ACAMPAMENTO MARIA DO TOMÉ.

Na perspectiva de transição agroecológica, algumas mulheres do Acampamento iniciaram seus quintais produtivos. À medida que se organizaram nas atividades produtivas, elas também passaram a participar das instâncias organizativas do Acampamento, como coletivos da coordenação e dos núcleos de base, assim como na luta pela posse da terra.

O lugar de fala deve ser dado às mulheres que vivenciam uma rotina diferenciada, nesse caso, uma rotina pautada na agroecologia, na organização feminina e na luta pela terra, a fim de aumentar a visibilidade das mesmas no seu espaço de vivência e resistência. Aqui, o lugar de fala é das mulheres camponesas, que ocupam a agroecologia familiar e vão partilhar um pouco de sua maturação e sabedoria ao longo dos anos. Nesse novo caminhar desafiam o lugar social a elas destinado, ressignificando as relações de gênero como reflete Adichie (2015),

O problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero (ADICHIE, 2015, p.36-37).

Esse rompimento com uma expectativa dada para as mulheres camponesas, sob a força do patriarcado, levou-as a constituir o Grupo “Mãos que Criam”, cujo o objetivo inicial seria melhorar a renda familiar, através da comercialização de seus produtos e artesanatos. Aos poucos, e com o apoio do MST, que tem como um de seus princípios a participação da família toda nas atividades de organização e luta, e portanto, incentiva o envolvimento feminino, pode-se constatar que as mulheres têm questionado a posição social e familiar que lhes impõem a permanência no cuidado da família e atividades auxiliares a seus maridos na lavoura, tornando-as invisibilizadas socialmente. É o que revela o depoimento de uma das participantes:

A gente pensou em formar o Grupo de Mulheres pra mostrar pra sociedade que aqui não tinha só homem, a gente queria mostrar pra sociedade que isso era mito, que aqui também tinham mulheres e que as mulheres se organizavam, também trabalhavam” (Luzia Costa, integrante do Grupo de Mulheres Mãos que Criam e do Acampamento do MST Zé Maria do Tomé).

O patriarcado como instituição social e histórica atribui às mulheres um lugar subalternizado socialmente (Federici, 2017). Ao passo que se dedicam às atividades produtivas, participam de seminários sobre a produção agroecológica, se deslocam para comercializar seus produtos em Feiras na região e na FAFIDAM, vivenciam novas experiências, passam a falar publicamente, a questionar e desnaturalizar as relações sociais e familiares que sob a lógica do patriarcado.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

As acampadas e participantes do grupo ‘Mãos que Criam’ lutam por direito e pela garantia de residir em um território predominado pelo agronegócio e pelo patriarcado. Seus quintais produtivos são na verdade sementes de esperança, numa forma de plantar que respeita a terra e da reinserção da mulher na construção de saberes agroecológicos; os frutos já estão sendo colhidos, são representados pela busca da qualidade de vida, a participação feminina nas atividades advindas da organicidade do MST e as práticas educativas organizadas pelas próprias acampadas (SILVA, 2019).

Silva (2019) diz que o desenvolvimento das práticas agroecológicas geradas pela presença da mulher na busca por novos saberes inerentes a forma como produzir de acordo com o que defende o MST, tem o propósito de resgatar o cuidado com a terra em consonância com novas relações sociais mediadas pela equidade de participação. Indo em concordância com o que diz Henn (2013):

A participação das mulheres constitui, na agroecologia, a possibilidade do redimensionamento dos espaços nos quais elas circulam ou das relações em que elas se engajam. Ao mesmo tempo, o reconhecimento do campo agroecológico contribui para a transformação das condições e de posições de ambos, mulheres e homens, e das interações e formas de sociabilidade, a exemplo das questões de gênero, de geração e de produção, entre outras (HENN, 2013, p. 86).

A partir dos quintais produtivos, dos saberes adquiridos ao longo dos anos os quais possibilitam desenvolver atividades artesanais e de culinária, e comercializar seus produtos em as mulheres desenvolvem aprendizados sobre agroecologia e fortalecem sua organização.

São nesses momentos de participação política, venda e exposição dos produtos que por elas são elaborados, que identificamos a organização e interação feminina. Segundo Silva (2019) essas ações surgem como práticas educativas, de muitos aprendizados, mediadas pela educação não formal, partindo da visão de que são atividades pensadas e elaboradas para dar voz as que sempre foram silenciadas e neste sentido, adquire o traço político e de uma conscientização (Freire, 1987).

5 CONCLUSÃO

Ao observar o grupo de mulheres “Mãos que Criam”, percebe-se a organização das mulheres de forma educativa, com formação para a luta e resistência, o qual as permite reconhecer-se enquanto mulheres, camponesas e acampadas.

A inserção da mulher na luta é um ato político, podendo-se perceber a ruptura do estigma de que a mulher é quem fica na cozinha, a que cuida dos filhos e da casa. Sendo observado as mesmas indo de encontro à luta e a emancipação, rompendo com um sistema que insiste em excluí-las, assim, percebe-se um processo de despatriarcalização construído pelas e para as mulheres do Acampamento (SILVA, 2019).

A partir desse grupo, as mesmas conseguiram dividir as tarefas relacionadas à produção, sendo cada família responsável por um cultivo diferente, tornando-se essas

mulheres as principais responsáveis pelo processo de transição agroecológica e segurança alimentar no Acampamento. Atualmente, lá se produz frutas, hortaliças e tubérculos, dentre eles, destacam-se mamão, banana, tomate, milho, abóbora, salsa, coentro, feijão, entre outros; as mulheres camponesas elaboram produtos como: doces, bolos, molhos e xaropes, evitando assim o desperdício e conseguindo agregar valor à produção, sendo vendidos diariamente no próprio local de produção, e também nas comunidades das adjacências, e ainda por duas vezes, na semana realizam uma feira com produtos em transição agroecológica no município de Limoeiro do Norte – CE, e em ocasiões extras como nos eventos da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM.

Elaboram como aprendizados, uma concepção crítica de seu lugar no mundo, das relações sociais injustas no capitalismo, refaz a confiança em si mesmas e desenvolvem uma forma mais saudável de produção, com novos conhecimentos em agroecologia e comercialização, constituindo um processo de educação popular em âmbito não-formal.

Assim, as mulheres do Acampamento têm se destacado no fortalecimento do projeto de plantação com base agroecológica, e seus produtos não só têm propiciado segurança alimentar e nutricional, mas também organização social e política.

Palavras-chave: mulheres camponesas, aprendizados em agroecologia, despatriarcalização.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**; Trad. Cristina Baum. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- AGUIAR, Ada Cristina Pontes. **Más-formações congênitas, puberdade precoce e agrotóxicos: uma herança maldita do agronegócio para a Chapada do Apodi (CE)**. 2017. 199 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.
- BRAGA, Lara de Queiroz Viana. **Agronegócio cercando agroecologia: modo de vida e conflito socioambiental em comunidades agrícolas de Tabuleiro de Russas, Ceará**. 2010. 187 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de; MOTTA, Sara Catherine. **Educação do Campo, Movimentos Sociais e Feminismo: resistências e aprendizados em contexto neoliberal**. In: Carvalho, Sandra. Maria. Gadelha.; Mendes, José. Ernandi; Segundo, Maria das Dores M. (Org.s). Política educacional, docência e movimentos sociais no contexto neoliberal. Fortaleza, Ed. UECE, 2018.
- CAVALCANTE, Leandro Vieira. **As firmas tomaram conta de tudo: agronegócio e questão agrária no Baixo Jaguaribe – CE**. 2019. 398 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.
- DIÓGENES, Saulo da Silva. **(In)visibilização das causas de câncer na zona rural de Limoeiro do Norte, a vulnerabilização e os riscos do uso dos agrotóxicos**. 2017. 173 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva.

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Título original: Caliban and Witch: Women, the Body and Primitive Accumulation. Tradução coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 16ª Edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GOHN, Maria Glória. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

HENN, Iara Aquino. **Agroecologia e relações de gênero em projeto societário**. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo de (Orgs.). Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013. p. 65-87.

LOWY, Michael. **A alternativa Ecosocialista**. In: MELO, J.A.T. Direito Ambiental, Luta Social e Ecosocialismo. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010. 1987.

OLIVEIRA, Maria José Alves de Freitas. **Educação, trabalho e resistência da agricultura familiar camponesa na Chapada do Apodi – Ceará**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Mestrado Acadêmico em Educação, Limoeiro do Norte, 2016.

RIGOTTO, Raquel (org.). **Agrotóxicos, trabalho e saúde: vulnerabilidade e resistência no contexto da modernização agrícola no Baixo Jaguaribe/CE**. Fortaleza: Edições UFC/Expressão Popular, 2011.

ROSSET, Peter Michael; TORRES, Martínez Elena María. Agroecología, territorio, recampesinización y movimientos sociales. Estudios Sociales. **Revista de investigación científica**. v. 25, n. 47, p. 275- 299, 2016.

SILVA, Mila Nayane. **Aprendizados e insurgências das mulheres pela luta da terra**. Dissertação (Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino – MAIE), Universidade Estadual do Ceará – UECE, Limoeiro do Norte, 2019, 173 f.